

# DO FACE A FACE ÀS DINÂMICAS COMUNICACIONAIS EM/ NA REDE: A CONVERSA ONLINE COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

FROM FACE TO FACE INTERACTIONS TO NETWORK  
COMMUNICATION DYNAMICS: the online conversation as a  
methodological procedure in the field of educational research

## **Dilton Ribeiro Couto Junior**

Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Baixada Fluminense (UERJ/FEBF).  
E-mail: junnior\_2003@yahoo.com.br

## **Ivan Amaro**

Professor Associado da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Baixada Fluminense (UERJ/FEBF).  
E-mail: ivanamaro.uerj@gmail.com

## **Marcelle Medeiros Teixeira**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Baixada Fluminense (UERJ/FEBF).  
E-mail: marcellemteixeira@gmail.com

## **Ruann Moutinho Ruani**

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Baixada Fluminense (UERJ/FEBF).  
E-mail: rruani@yahoo.com

**Resumo:** O texto explora a potência da conversa *online* como procedimento metodológico da pesquisa em educação, com nossa aposta teórico-metodológica focalizando o contexto das dinâmicas ciberculturais. Para isso, nos alinhamos com a perspectiva pós-estruturalista em diálogo com os estudos com os cotidianos e com os estudos em cibercultura para refletir sobre as implicações teórico-metodológicas da conversa *online* na produção de conhecimento. O trabalho trouxe questionamentos abertos/provisórios que evidenciam a necessidade da “bricolagem” na forma como operamos teórico-metodologicamente na construção de uma metodologia que reconhece a legitimidade da conversa *online* na produção de saberes entre sujeitos geograficamente dispersos.

**Palavras-chave:** pesquisa, conversa *online*, educação.

**Abstract:** This paper explores the power of online conversations as a methodological procedure in the field of educational research aligned with the theoretical-methodological focus on the context of cybercultural dynamics. To that end, we based this work on the post-structuralist perspective along with studies of everyday life and cyberculture in order to reflect on the theoretical and methodological implications of online conversations in the production of knowledge. The research raised open/temporary questions that show the need for a “bricolage” in the way we theoretically and methodologically operate in the construction of a methodology that can recognize the legitimacy of online conversations in the production of knowledge between geographically dispersed subjects.

**Keywords:** research, online conversation, education.

## 1. A PESQUISA EM EDUCAÇÃO NA CIBERCULTURA: INICIANDO O DEBATE

nunca saberemos aonde as conversas poderão nos levar e, para nós, aí reside o mistério e a magia das práticas da conversa: nos deixar levar pelas redes e pelas diferenças que atestam a permanente novidade da vida<sup>1</sup>.

Carlos Eduardo Ferraço e Nilda Alves

Vivemos na era da informação, caracterizada pela popularização dos dispositivos digitais com acesso à rede mundial de computadores (*laptops, tablets, smartphones*, para citar alguns) e pela forma com a qual compartilhamos informação e produzimos conhecimento com outras pessoas geograficamente dispersas (SANTAELLA, 2008; PRETTO; ASSIS, 2008). A dinamicidade comunicacional engendrada pelas tecnologias digitais vem reconfigurando as práticas socioculturais, na medida em que interagimos cada vez mais com outras/os internautas, participando de processos colaborativos de *aprenderensinar*<sup>2</sup> que nos fazem sair da posição de consumidoras/es de informação, colocando-nos a todo instante como produtoras/es de conteúdos diversos (SANTOS, 2011; FERREIRA; COUTO JUNIOR, 2018). Com a liberação do pólo da emissão (LE MOS; LÉVY, 2010), passamos a conhecer novos (e inusitados) pontos de vista quando lemos as postagens no Facebook e os comentários dos vídeos publicizados no YouTube, além de conseguirmos usufruir das dinamicidades comunicacionais do WhatsApp a partir de nossa participação em grupos de amigas/os e familiares. Não há como negar que conversas *online* ocorrem a todo momento pelo “simples fato de que é bom estar junto, ainda mais quando o compartilhamento, a reciprocidade e a cumplicidade não têm outro destino ou finalidade a não ser o puro, singelo e radical prazer de estar junto” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 25-26). Os cotidianos são repletos de novidades que vêm sendo (re)contadas a todo instante por meio das ideias-palavras trocadas por pessoas que, embora geograficamente dispersas, encontram-se interconectadas e usufruindo coletivamente da interatividade proporcionada pelas redes sociais *online*.

Diante das profundas e significativas mudanças ciber culturais desencadeadas pela emergência e popularização das tecnologias digitais em rede, consideramos importante reconhecermos o quanto a internet tem cada vez mais contribuído no desenvolvimento das pesquisas no campo Educacional. Afinal,

<sup>1</sup> FERRAÇO; ALVES, 2018, p. 63.

<sup>2</sup> Nos alinhamos com os estudos com os cotidianos e entendemos que aprender e ensinar são indissociáveis. Em função disso, a opção ao longo do texto por fazer uso da expressão *aprenderensinar* evidencia nosso compromisso epistemológico por romper com dicotomias herdadas do paradigma moderno (FERRAÇO; ALVES, 2018). Também fazemos uso da expressão *espaçotempo* por entendermos que espaço e tempo são indissociáveis.

“a cibercultura não é uma cultura própria de um segmento, não escolhemos se queremos estar *dentro ou fora* dela porque trata de uma revolução paradigmática” (D’ÁVILA; SANTOS, 2014, p. 113, grifos nossos). A revisão de literatura de nossos trabalhos tem se beneficiado das buscas *online* realizadas nos bancos de teses e dissertações e nos portais dos periódicos eletrônicos brasileiros e internacionais. Marcamos de conversar com as/os participantes da pesquisa usando as redes sociais, e-mail, WhatsApp, sem contar que usamos, cada vez mais, nossos *smartphones* para gravar as conversas e, posteriormente, transcrevê-las no computador com o objetivo de analisá-las. Organizamos nossas referências bibliográficas usando *softwares* que otimizam o tempo desse minucioso trabalho. Compramos livros pela internet, realizamos a inscrição de nossos trabalhos em eventos científicos por meio de formulário *online*, submetemos parte de nossos achados de pesquisa para serem avaliados em periódicos eletrônicos. Somando-se a isso, não poderíamos deixar de mencionar a importância da troca de e-mails com nossas/os alunas/os de graduação e pós-graduação, enviando sugestões de leitura e comentários diversos sobre o andamento dos trabalhos de pesquisa. Participamos/criamos diferentes grupos no WhatsApp para dinamizar as conversas com o Grupo de Pesquisa e com outras/os pesquisadoras/es da área, experiência esta que tem nos oportunizado interagir de praticamente qualquer lugar-espço, desencadeando novas (trans)formações colaborativas a partir da troca constante *com* o outro. Esses exemplos que vimos percebendo na vida cotidiana da pesquisa em educação nos convidam a reconhecer o quão importante são os diferentes usos das tecnologias digitais no desenvolvimento das atividades investigativas na universidade. Cabe frisar que somos moradores de um grande centro urbano brasileiro e usufruímos de uma infraestrutura técnica favorável que nos permite experimentar a potencialidade das dinâmicas ciberculturais, realidade que não necessariamente condiz com a forma como outras/os pesquisadoras/es de outros Estados do país se relacionam com o digital em rede.

Conforme apontam Couto Junior, Ferreira e Oswald (2017, p. 25, grifos das autoras), “imagens e vídeos digitais, *upload*, *download*, *hiperlinks*, aplicativos (apps), mobilidade, ubiquidade, *Web 2.0*, *chat*, redes sociais *online* etc., fazem parte da cena contemporânea, na qual as práticas sociais vêm cada vez mais sendo mediadas pelas tecnologias digitais em rede”. Mesmo diante da popularização das práticas ciberculturais, há uma tendência na pesquisa em educação de continuar usando os mesmos instrumentos metodológicos que precedem a popularização da internet. De forma alguma acreditamos que as potencialidades engendradas pelo digital em rede deveriam substituir nossas práticas investigativas tradicionais, como os diários de campo e as interações face a face, por exemplo. Essa substituição seria incoerente, até porque pesquisar no contexto das dinâmicas ciberculturais implica reconhecemos

que os espaços físicos e digitais são indissociáveis (LEMOS, 2007; COUTO JUNIOR; OSWALD, 2014). Dito isso, argumentamos que um valor qualitativo menor é comumente atribuído às pesquisas que adotam os dispositivos digitais para interagir com as/os participantes do estudo. Redes sociais como o Facebook, Instagram, WhatsApp e YouTube, ainda que muito populares no Brasil hoje, são comumente descartadas como uma possível opção para desenvolver o trabalho de campo quando o foco da investigação não recai sobre a relação dos usos dos sujeitos com as tecnologias digitais em rede. Muito embora isto esteja aos poucos mudando, ainda assim continuamos percebendo que o digital em rede é mais explorado pelas/os pesquisadoras/es que vêm se dedicando a investigar único e exclusivamente os fenômenos sociais mediados pela internet. Paradoxalmente, todas/os nós fazemos parte do cenário sócio-técnico contemporâneo denominado de cibercultura, cujas práticas socioculturais ocorrem em meio a “possibilidades interativas e hipertextuais graças à potência trazida pela linguagem digital, que revoluciona as formas de registro e de comunicação entre os indivíduos” (BARBOSA; SANTOS; RIBEIRO, 2018, p. 119).

Neste texto, nossa proposta é explorar a potência da conversa como procedimento metodológico da pesquisa em educação, com nossa aposta teórico-metodológica focalizando o contexto das dinâmicas ciberculturais. Para isso, nos alinhamos com a perspectiva pós-estruturalista em diálogo com os estudos com os cotidianos e com os estudos em cibercultura para refletir sobre as implicações teórico-metodológicas da conversa *online* na produção de conhecimentos no campo da Educação. As dinâmicas comunicacionais *online* nos convidam hoje a estar em contato com uma “quantidade crescente de colaboradores, de parceiros (atuais ou potenciais), de amigos, de pessoas de quem dependemos e que dependem de nós – e isso em uma escala internacional” (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 82). Frente a isso, como ponto de partida reconhecemos a potência da pesquisa em educação que se apropria das práticas ciberculturais como estratégia para ampliar as redes de conhecimento.

Com o pós-estruturalismo, não estamos preocupados em responder às (tantas) questões de pesquisa que temos, mas nos ocupamos, em primeiro lugar, da tarefa de problematizar a forma com a qual as coisas tornaram-se o que são hoje (MEYER, 2014; PARAÍSO, 2014). Em outras palavras, consideramos imprescindível desnaturalizar práticas socioculturais que, dentro de um determinado *espaçotempo*, são responsáveis pela constituição dos modos como pensamos-agimos-somos. Com base nessa abordagem teórico-metodológica, em nossos trabalhos de pesquisa temos: a) recusado buscar uma suposta “verdade” ao optarmos por uma postura investigativa que estranha o instituído; b) defendido a provisoriidade de nossos achados científicos ao

reconhecemos a complexidade dos fenômenos socioculturais, que demandam constantemente novas análises/perguntas haja vista que é permanente a reconfiguração das práticas e ações culturais de nosso tempo e; c) colocado em xeque as relações de causa-efeito, perspectiva esta que prima por uma análise generalista/enviesada dos acontecimentos sociais (MEYER, 2014). Mais especificamente sobre este último ponto, cabe reforçar a necessidade de recusarmos as metanarrativas, responsáveis pela proliferação de discursos que, esvaziados de historicização, relativização e problematização, buscam explicar de forma inquestionável os acontecimentos de nosso tempo presente (PARÁISO, 2014).

Amparados pela abordagem pós-estrutural, percebemos a potência da conversa como mais uma opção teórico-metodológica na pesquisa em educação, buscando, como praticantes culturais em tempos de cibercultura, (re)pensar nossa forma de entrar em contato e produzir diferentes saberes com outras/os internautas. Neste contexto, não compreendemos que a conversa se sustente apenas em uma perspectiva de interação verbal/oral entre dois ou mais interlocutores, mas como processo que conjuga uma série de elementos diversos como silêncios, pausas, ícones, *emojis*, *emoticons*, onomatopeias, imagens, enfim, um arcabouço não-verbal que também constitui os processos comunicativos e produz sentidos. Com Skliar (2018, p. 12) entendemos que “conversa-se não tanto sobre um texto, mas sobre seus efeitos sobre alguém, conversa-se não tanto um saber, mas sobre suas ressonâncias em nós, conversa-se não para saber, mas para manter tensas as dúvidas essenciais”. Dessa forma, concordamos que somos atravessadas/os pelas palavras de outras pessoas, produzimos conhecimentos com o outro a partir das palavras que enunciamos (afinal, elas organizam nosso pensamento). Se queremos tensionar as dúvidas por meio da conversa, convidando outros sujeitos a intercambiar experiências, então precisaremos questionar o papel de nossos questionários (semi)estruturados. Não há como prever o dito e o não-dito, ou seja, pela interação *com* o outro (seja ela face a face ou mediada pelo digital em rede) é que trocaremos-compartilharemos impressões-visões que não podem ser antecipadas. Se durante uma pesquisa de campo é perguntando apenas o que, *a priori*, ficou determinado no “roteiro”, então o/a pesquisador/a deixará de capturar as marcas das ressonâncias frutos da troca; na verdade, a troca dará lugar ao simples ato mecânico de perguntar-responder, sem qualquer possibilidade de aprofundar pontos que poderiam ser relevantes para a investigação. Importante frisar que o falar não se restringe, no entanto, ao ato físico do uso da “fala” exclusivamente. Digital é um modo de falar, a produção e o envio de imagens é um modo de falar, além de que o próprio silêncio também se constitui como um modo de falar.

A seguir, discutimos o uso da conversa como mais uma possibilidade metodológica na produção de conhecimento na pesquisa em educação. Dessa forma, nos voltamos para algumas ideias que justificam nossa aposta na conversa como procedimento orientador de nossas pesquisas. Discutimos as implicações teórico-metodológicas da conversa *online* ao rebatermos a crítica de que não se trata da mera “substituição” pelas interações face a face. Por fim, longe de encerrar/esgotar nossos pensares ao longo do texto, finalizamos o trabalho com alguns questionamentos abertos/provisórios evidenciadores da necessidade da “bricolagem” na forma como operamos na construção de um referencial teórico-metodológico que reconhece a legitimidade da conversa *online* na produção de saberes entre sujeitos geograficamente dispersos.

## 2. SOBRE A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO PARA ALÉM DA INTERAÇÃO FACE A FACE

Desde o início da década de 1990, vimos acompanhando a “revolução digital e a explosão das telecomunicações, trazendo consigo a cibercultura e as comunicações virtuais” (SANTAELLA, 2003, p. 173). Não podemos ser levianos e acreditar que as transformações sociais cada vez mais mediadas por tecnologias digitais em rede não afetam a forma como operamos no campo da pesquisa com seres humanos. Pelo contrário, consideramos que essas transformações exigem de nós o desafio de criar novas estratégias teórico-metodológicas capazes de nos auxiliar, em tempos de cibercultura, a pensar a produção de conhecimento para além da interação face a face. Nesse contexto, cabe um olhar atento sobre as “dinâmicas comunicacionais digitais que agregam sujeitos geograficamente dispersos em torno de uma mesma rede gigantesca [ciberespaço] de troca de informações constante” (COUTO JUNIOR; SANTOS; VELLOSO, 2019, p. 1131).

Não podemos negar que o diálogo é uma forma “criativa e produtiva do eu se aproximar com suas palavras às palavras do outro, construindo uma compreensão que, por não ser de mero reconhecimento dos signos usados, é sempre uma proposta, uma oferta, uma resposta aberta a negociações e a novas construções” (GERALDI, 2013, p. 15). O fato de o WhatsApp e o Facebook já ultrapassarem a marca de um bilhão de usuárias/os<sup>3</sup> cadastradas/os em todo mundo nos fornece pistas sobre o quanto as pessoas com acesso à internet têm a necessidade de permanecerem interconectadas, compartilhando ideias-saberes de forma colaborativa. Esse número considerável de internautas no mundo traz implicações importantes para a pesquisa em educação, pois diz respeito à forma como as/os es-

<sup>3</sup> Dados disponíveis em: <<https://bit.ly/2MHnZmQ>>. Acesso em: 30 dez. 2019.

tudantes encontram na linguagem hipertextual seu segundo idioma, transitando “por ‘janelas’ e ‘telas’ com uma desenvoltura que [,geralmente,] não é aprendida nem exercitada nos bancos escolares, mas construída nesses espaços dominados pelos códigos digitais” (FERREIRA; OSWALD, 2009, p. 129). Como as crianças e jovens apropriam-se do digital em rede? Sobre o que conversam? Com quem? Quais os desafios teórico-metodológicos da pesquisa em educação que adota as redes sociais da internet como campo empírico? Essas questões já foram formuladas em estudos anteriores, mas dificilmente perderão importância haja vista que as práticas socioculturais medidas pela internet encontram-se em permanente reconfiguração e, conseqüentemente, demandam reflexões constantes.

Uma coisa é certa: concordamos que não se trata de adotar a conversa *online* como uma espécie de “camisa de força”, ou seja, “não podemos ficar reféns dos procedimentos de pesquisa que dominamos e que muitas vezes nos *dominam*” (PARAÍSO, 2014, p. 43, grifo nosso). Isso significa que os procedimentos metodológicos não podem ser definidos *a priori*, ainda mais quando reconhecemos que a pesquisa se faz no caminhar, conforme argumenta Alves (2001, p. 14): “em relação ao método, tenho que começar por admitir que estou sempre cheia de dúvidas e sobre ele tenho muito que aprender. Mas, como sempre digo aos meus orientandos: ‘É preciso fazer, para saber’”. De forma alguma a conversa como procedimento metodológico poderia ser adotada em toda e qualquer pesquisa, o que queremos ressaltar aqui é nossa aposta na conversa como uma forma legítima e potente para produzir conhecimento entre dois ou mais sujeitos. A conversa não exclui as observações participantes, o uso dos diários de campo ou as entrevistas (semi)estruturadas, mas pode ser mais uma estratégia à disposição do pesquisador que busca no diálogo formas de conhecer outros/novos pontos de vista na interação *com* outras pessoas.

Como praticantes culturais, estamos “mergulhadas/os” (ALVES, 2008) em nossos campos de pesquisa, investigando no contexto das dinâmicas ciberculturais, interagindo com os sujeitos que vêm participando ou já participaram de nossas investigações em andamento ou já concluídas. Ademais, nosso “mergulho” em campo ocorre pela forma como interagimos no espaço da pesquisa, com a palavra se configurando como elemento central de contato *com* o outro. Dito isso, defendemos que “as *conversas são pontos de partida* para pensarmos outros modos de operar com as pesquisas e produzir conhecimentos” (REIS; GONÇALVES; RIBEIRO; RODRIGUES, 2017, p. 78, grifos nossos). Esses “pontos de partida” dizem respeito ao aspecto colaborativo de uma pesquisa, ou seja, o trabalho só ganha concretude na medida em que as reflexões tecidas entre pesquisador/a e sujeitos possibilitam o desenro-



lar do trabalho investigativo. Se apostamos na conversa como procedimento metodológico da pesquisa em educação, isso inclui também reconhecer a potencialidade das conversas *online* como estratégia metodológica capaz de nos ajudar a (com)partilhar saberes via redes sociais digitais. Neste cenário cabe refletirmos sobre as inúmeras possibilidades teórico-metodológicas que emergem na pesquisa que adota a conversa *online* como procedimento metodológico para interagir com as/os internautas.

Conforme reforça Gutierrez (2009, p. 3), as pesquisas que se debruçam sobre as práticas culturais mediadas pelo digital em rede exige de nós “ampliar o alcance das metodologias criadas e desenvolvidas na pesquisa de fenômenos anteriores a existência de uma dimensão cultural on-line”. Em tempos de cibercultura, precisamos nos atentar para uma quantidade significativa de elementos como *links*, códigos QR, imagens/vídeos/sons, *emoticons*, apenas para citar alguns exemplos, que são constituintes e largamente utilizados nas narrativas produzidas entre pessoas geograficamente dispersas e que requer novos cuidados teórico-metodológicos de análise. Afinal, com a internet, emerge uma linguagem “cheia de símbolos, de abreviaturas, mais coloquial, própria para a comunicação livre, sem amarras e regras, muito ágil, potencializando a agilidade de pensamento e permitindo que a pessoa se solte, dê vazão às suas emoções, às suas fantasias” (BONILLA, 2014, p. 13). Cabe, assim, refletirmos sobre como essa multiplicidade de recursos digitais à nossa disposição podem ser potentes para capturar as marcas cotidianas das práticas culturais mediadas pelo digital em rede; práticas que vem ocorrendo para além da interação face a face e que nos oportunizam a tessitura de novas reflexões teórico-metodológicas na pesquisa em Educação. Afinal, como pesquisadoras/es, não estamos mais atuando somente nos cotidianos escolares, mas vimos adentrando o cenário sócio-técnico contemporâneo, que potencializa novos processos de sociabilidade entre pessoas interconectadas que ocupam *espaçostempos* diversos.

Na cibercultura, pesquisar na inter-relação espaço físico-ciberespaço significa reconhecer que a multiplicidade de linguagens engendradas pelo digital em rede “incidem sobre as formas de socialização dos sujeitos, sobre suas subjetividades e processos cognitivos” (FERREIRA; COUTO JUNIOR, 2018, p. 115). Pesquisar em tempos de comunicação móvel abre novos horizontes teórico-metodológicos porque diz respeito à forma como as pessoas interagem nos espaços físicos na medida em que se encontram interconectadas (COUTO JUNIOR; OSWALD, 2014). Em outras palavras, em tempos de cibercultura, os sujeitos rompem com o tempo-espaço porque habitam, simultaneamente, as esferas do ciberespaço e os espaços físicos. Pesquisar em contextos ciberculturais não significa simplesmente adotar o ciberespaço como *lócus* de

pesquisa, mas de levar em conta a indissociabilidade entre os espaços físicos e os espaços digitais na produção de conhecimento.

Conforme discutiremos a seguir, nossa aposta teórico-metodológica na conversa como procedimento de pesquisa não busca substituir a interação face a face pela conversa *online* (e vice versa), mas discutir a necessidade de ampliar os modos de produzir conhecimento em parceria com os sujeitos.

### **3. POR QUE A CONVERSA *ONLINE* NÃO SUBSTITUI A INTERAÇÃO FACE A FACE (E VICE VERSA)?**

Como já defendido ao longo deste texto, partimos do pressuposto de que a conversa é uma opção metodológica potente na pesquisa em Educação. Para Reis, Gonçalves, Ribeiro e Rodrigues (2017, p. 70-71), “o conversar é uma maneira especial de se relacionar com o outro, uma vez que compreende o estar e o pensar juntos, a troca, a polifonia, sem que isso signifique o apagamento da autoria de fala e pensamento de cada um”. Podemos nos relacionar de maneira especial com o outro por meio da conversa face a face ou da conversa *online*, afinal, ambas as formas de interação constituem-se como opções metodológicas na produção de conhecimento. No entanto, a conversa presencial e a conversa *online* apresentam especificidades distintas, o que significa que a primeira não substitui a segunda (e vice-versa).

Com as mídias massivas, ocupamos a posição de meras/os receptoras/es de informação, bombardeadas/os por mensagens controladas pelo governo e por empresas sem que haja a possibilidade de interferir no conteúdo delas. A partir da emergência das mídias pós-massivas, a liberação da palavra (LEMO; LÉVY, 2010) trouxe a oportunidade para que pudéssemos contribuir com a produção e o compartilhamento de informações para uma rede gigantesca que (potencialmente) interconecta pessoas de todos os cantos do mundo (SANTAELLA, 2002). Em tempos de cibercultura, a/o cidadã/o, “que ganhou poder com as novas tecnologias e vem ocupando um espaço na intersecção entre os velhos e os novos meios de comunicação, está exigindo o direito de participar intimamente da cultura” (JENKINS, 2009, p. 53). Essa dinâmica comunicacional em/na rede rompe com o tempo e o espaço, fazendo com que a/o internauta participe de processos colaborativos de *aprenderensinar* com outras pessoas. Dessa forma, pesquisar no contexto das dinâmicas ciberculturais é um verdadeiro convite para que possamos colocar em prática o diálogo com o objetivo de que as ideias sejam “debatidas, confrontadas, tecidas e aprimoradas, com vistas a ir além da condição de consumidor de conteúdos, passando também a criar, disponibilizar, discutir e compartilhar suas autorias em rede” (SANTOS; CARVALHO, 2018, p. 34).

A conversa *online* é aquela que se estabelece em/na rede e pode envolver (ou não) uma quantidade significativa de internautas geograficamente dispersas/os. A rede integra ações e conhecimentos entre pessoas que fazem uso de aparatos tecnológicos com acesso à internet (PRETTO; ASSIS, 2008). Conversar em/na rede implica reconhecermos as possibilidades de troca, de integração entre pessoas que buscam, coletivamente, tecer saberes, enriquecendo a partilha. As conversas *online* ocorrem, geralmente, de forma rápida e dinâmica, podem ser realizadas em diversos suportes (*desktop*, *laptop*, *tablet*, *smartphones* apenas para citar alguns) e na mobilidade. Dessa forma, estabelecer uma conversa colaborativa em uma rede social entre vários/as participantes da pesquisa usando um *tablet* na medida em que sujeitos e o/a próprio/a pesquisador/a circulam pelas ruas da cidade de forma alguma pode ser considerado o mesmo que agendar uma entrevista presencial (semi)estruturada com algum/a participante. De modo geral, enquanto que no primeiro caso a “entrada em campo” depende do acesso à rede social adotada e da disponibilidade dos sujeitos para conversar, no segundo caso é preciso agendar com antecedência a entrevista presencial (semi)estruturada, o que depende da disponibilidade do/a pesquisador/a e sujeitos para que data/local/horário sejam conciliados. Reiteramos que não se trata de comparar qualitativamente ambas as formas de entrar em contato com os sujeitos de uma pesquisa, apenas reforçamos aqui o quanto a conversa *online* não substitui a interação face a face (e vice-versa). Uma vez que ambas apresentam suas próprias especificidades, cabe ao/à pesquisador/a considerar de forma criteriosa suas próprias escolhas metodológicas, em vistas de atender às suas intenções de pesquisa. Não é nossa intenção aqui discorrer sobre as diferentes possibilidades de interagir com o outro, apenas frisamos sobre a importância de que o/s objetivo/s da pesquisa estejam sintonizados com as escolhas dos procedimentos metodológicos. Uma vez que cada escolha adotada pelo/a pesquisador/a faz com que muitas outras sejam desconsideradas no percurso investigativo, cada passo dado precisa ser justificado/fundamentado.

A conversa faz parte da vida diária do ser humano e muitos são os “tipos” de conversa que estabelecemos com o outro em nossos *espaçostempos*: “conversas fiadas,afiadas, interessantes, desinteressantes; interessadas, desinteressadas; complicadas; provocativas, emotivas, alegres, tristes” (SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2018, p. 25). Não existe uma única forma de conversar e desde já reconhecemos que também podemos conversar mediados pelo digital em rede, alimentando reflexões em parceria com o/a pesquisador/a que sejam potentes para provocar o desencadeamento de discussões que desestabilizem discursos naturalizados e aparentemente incontestáveis. Uma situação conversacional pressupõe que se estabeleça

um diálogo em que alguém fala com outro alguém. Além disso, a organização da conversa se manifesta pela constituição de turnos conversacionais negociados implícita e explicitamente pelos interlocutores. Para Marcuschi (2006, p. 15), as características de uma situação conversacional envolvem a interação entre pelo menos duas pessoas e a presença de pelo menos uma troca entre os interlocutores mediante ações coordenadas. Para Recuero (2012), a conversa é também um processo constituído por alguns rituais constituídos culturalmente. Há os rituais que iniciam uma conversa, conforme algumas expressões características como “oi, tudo bem?”. Há rituais de encerramento, tais como “Até mais”, “Tchau, a gente se vê depois”. Os rituais, também, seguem contextos diferenciados de conversas. Assim, a conversa é um processo negociado entre os interlocutores e que segue determinadas marcas sociais e culturais que constituem os processos de interação social. Conforme Recuero (2012, p. 31), uma conversação “entre dois debatedores num congresso não tem os mesmos rituais daquele diálogo que ocorre entre dois amigos, em um encontro informal. Do mesmo modo, não são os mesmos rituais da conversa entre pessoas de idades e classes sociais diferentes”.

Estamos “mergulhadas/os” (ALVES, 2008) hoje no cenário sócio-técnico contemporâneo denominado cibercultura. Pesquisar no contexto das dinâmicas sociais ciberculturais em diálogo com os estudos com os cotidianos e amparadas/os pela abordagem pós-estruturalista nos coloca no desafio de promover a “bricolagem” de teorias e metodologias. Essa discussão, realizada brevemente a seguir, é necessária porque somente com a “bricolagem” temos conseguido traçar algumas estratégias teórico-metodológicas que consideramos potentes para pesquisar com sujeitos geograficamente dispersos em tempos de cibercultura.

#### **4. SOBRE A NECESSIDADE DE “BRICOLAR” TEORIAS E METODOLOGIAS: BREVES CONSIDERAÇÕES INCONCLUSIVAS**

Se é verdade que “o futuro nos conhecerá como aquele tempo em que o mundo inteiro foi virando digital” (SANTAELLA, 2003, p. 173), então nosso desafio é pensar teórico e metodologicamente maneiras de investigar essas mudanças sociais mediadas pelos processos comunicacionais digitais em/na rede (AMARO, 2016). Os processos de sociabilidade na cibercultura vêm alterando significativamente a maneira com a qual os sujeitos interagem entre si na contemporaneidade, na medida em que produzem e compartilham informações de forma colaborativa, participando ativamente de processos de ensinar-aprender mediados pelo digital em rede.

Adotar a conversa *online* como procedimento metodológico na pesquisa em educação partindo dos pressupostos epistemológicos da perspectiva pós-estruturalista significa caminhar em uma direção investigativa que valoriza o (entre)cruzamento de múltiplos elementos, tais como: livros, textos, *sites*, redes sociais, interação com os sujeitos, análises de conversas, leis, movimentos sociais, entre tantos outros que, em conjunto, resultam no que se identifica como bricolagem. “Bricolar” teorias e metodologias é ir na contramão de uma única perspectiva de interpretar os contextos (MEYER, 2014; PARAÍSO, 2014). Como consequência, outras possibilidades passam a guiar a investigação das questões norteadoras do estudo e novos espaços e articulações são possíveis justamente porque entendemos que o conhecimento na pesquisa em educação é produzido mediante a relação teoria-metodologia-empíria. Com base nesse contexto, a bricolagem de teorias e metodologias poderia constituir-se como uma estratégia interessante nas pesquisas em educação que buscam problematizar/enfrentar a complexidade das práticas sociais cotidianas *dentro-fora* da escola.

Como pesquisadores/as do campo Educacional, vimos investigando sob os princípios do pós-estruturalismo e percebemos a necessidade da bricolagem na problematização das questões sociais contemporâneas. Bricolar significa que estamos, permanentemente, buscando estratégias teórico-metodológicas capazes de atender às nossas demandas de pesquisa, sem perder de vista o rigor que o estudo exige, ao mesmo tempo em que defendemos a necessidade de (re)criar procedimentos que sejam interessantes na produção de conhecimentos. Se todo estudo com seres humanos é único – no sentido de que está situado em um determinado *espaçotempo* que jamais será igual –, isso significa que, com as teorias e metodologias que temos à nossa disposição, podemos nos inspirar na bricolagem para (re)criar estratégias de pesquisa potentes que reconheçam/considerem a complexidade sociocultural dos temas/problemas investigativos de nosso tempo.

### 3

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda (Orgs.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**: sobre redes de saberes. Petrópolis: DP&A, 2008, p. 39-48.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. **Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

AMARO, Ivan. Tecnologias digitais e formação de professoras: superando desafios, construindo potencialidades. In: AMARO, Ivan; SOARES, Maria da Conceição Silva (Orgs.). **Tecnologias digitais nas escolas**: outras possibilidades para o conhecimento. Rio de Janeiro: De Petrus et Alii; Brasília, DF: CAPES, 2016, p. 89-111.

BARBOSA, Alexandra; SANTOS, Edméa; RIBEIRO, Mayra. Diário online no WhatsApp: App-learning em contexto de pesquisa-formação na cibercultura. In: SANTOS, Edméa; CAPUTO, Stela Guedes (Orgs.). **Diário de pesquisa na cibercultura**: narrativas multirreferenciais com os cotidianos. Rio de Janeiro: Omodê, 2018, p. 111-131.

BONILLA, Maria Helena Silveira. Linguagens, tecnologias e racionalidades utilizadas na escola: interfaces possíveis. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 27., 2004. Caxambu. **Anais...** Caxambu: Espaço Livre, 2004, 16p.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Compartilhando experiências sobre o “armário”: as conversas online como procedimento metodológico da pesquisa histórico-cultural na cibercultura. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 6, n. 1, p. 23-34, out. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2zRX7KV>>. Acesso em: 26 out. 2017.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. “Fico sem nada de interessante pra postar qnd estou recatada!”: a relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico em conversas mantidas entre jovens no Facebook. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (Orgs.). **Facebook e educação**: publicar, curtir, compartilhar. Paraíba: EDUEPB, 2014, p. 167-184. Disponível em: <<https://bit.ly/2wcJuWP>>. Acesso em: 6 abr. 2019.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; SANTOS, Rosemary dos; VELLOSO, Luciana. Rede social e comunicação ubíqua: o que podemos aprender com Black Mir-

ror? **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 19, n. 62, p. 1128-1146, jul./set. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/35HXqVs>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

D'ÁVILA, Carina; SANTOS, Edméa. Imagens voláteis e formação de professorxs: dispositivos tecnológicos e lúdicos para as práticas pedagógicas. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 113-127, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2xs4cAQ>>. Acesso em: 20 set. 2018.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 41-64.

FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Juventudes, educação e cidade: a mediação dos dispositivos móveis de comunicação nos processos de aprender-ensinar. **Textura**, Canoas, v. 20, n. 44, p. 108-129, set/dez. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2PSO3ue>>. Acesso em: 6 dez. 2018.

FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Jovens e ambientes virtuais: “no game, você tem milhões de vidas, você pode começar do zero, você pode simplesmente apagar e começar tudo de novo, na vida não rola”. In: PASSOS, Mailsa Carla Pinto Passos; PEREIRA, Rita Ribes (Orgs.). **Identidade, diversidade: práticas culturais em pesquisa**. Rio de Janeiro: FAPERJ/DP et alii, 2009, p. 129-141.

GERALDI, João Wanderley. Bakhtin tudo ou nada diz aos educadores: os educadores podem dizer muito com Bakhtin. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). **Educação, arte e vida em Bakhtin**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 11-28.

GUTIERREZ, Suzana de Souza. A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 32., 2009, Caxambu. **Anais...** Caxambu: Espaço Livre, 2009, 16p.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução de Suzana Alexandria. 2. Ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEMOS, André. Cidade e mobilidade: telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n.1, p. 121-137, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2hjdOlc>>. Acesso em: 7 abr. 2019.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 2006.

MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. Ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 49-63.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. Ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 25-47.

PRETTO, Nelson De Luca; ASSIS, Alessandra. Cultural digital e educação: redes já! In: PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu (Orgs.). **Além das redes de colaboração**: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 75-83. Disponível em: <<https://bit.ly/2E-2FyKq>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

REIS, Graça; GONÇALVES, Rafael Marques; RIBEIRO, Tiago; RODRIGUES, Allan. Estudos com os cotidianos e as rodas de conversação: pesquisa político-poética em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 3, p. 68-87, set./dez. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2FR1JCG>>. Acesso em: 4 abr. 2019.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayyu, 2018, p. 21-40.



SANTAELLA, Lucia. Mídias locativas: a internet móvel de lugares e coisas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 35, p. 95-101, abr. 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/2UAL8xl>>. Acesso em: 18 mar. 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia. A crítica das mídias na entrada do século 21. In: PRADO, José Luiz Aídar (Org.). **Crítica das práticas midiáticas**: da sociedade de massa às ciberculturas. São Paulo: Hacker Editores, 2002, p. 44-56.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais**: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Edméa. A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. In: FONTOURA, Helena Amaral; SILVA, Marco (Orgs.). **Práticas pedagógicas, linguagem e mídias**: desafios à Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011, p. 75-98.

SANTOS, Edméa; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de. Autorias partilhadas na interface cidade-redes digitais. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 6, n. 3, p. 29-40, jun. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2MQHAOF>>. Acesso em: 20 set. 2018.

SKLIAR, Carlos. Elogio à conversa (em forma de convite à leitura). In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018, p. 11-13.